

## 1. Prefácio

Aquilo que ides ler, embora passe  
por poesia, expressão, etc., etc.,  
não são poemas, é tão somente impasse  
e solidão povoada, letra atrás de letra.

Quer dizer, *literatura* — não há coisa mais triste —,  
ocupação do tempo por amor de mentir.  
Quem este nome assina nem sequer existe,  
friamente não sente o que exclama sentir.

Escutai-me, portanto, uma última vez,  
leitores eventuais, anónimos, sem rosto:  
o que escrevo não penso e o que penso não escrevo.

Estes versos ocultam a mão que nunca fez,  
heterónima, nada que não fosse por gosto  
de produzir ficções que *eu próprio* não me atrevo.

## 2. Soneto brasileiro

Há muito não escrevo. A vida  
por demais me conduz no movimento  
que liga os dias uns aos outros  
e escrever exprime dela só o esquecimento.

Também de leituras os meus olhos vêm  
persistindo no alheamento. O mundo invade-  
-me, em excesso, todos os sentidos  
e ler requer talvez outra serenidade.

O que faço não sei: não ando lendo,  
nem pelos cafés, repito. Nada me distrai.  
Mantenho-me no entanto, cá me vou mantendo.

Tão-pouco trabalho, mas o pensamento vai  
na própria vida o uso dissolvendo:  
nada se levanta, é certo. Tudo cai.

### 3. Agora vejo

Aquele cigarro que fumei em Kalundborg, junto ao Mar do Norte, a cerveja que bebi num pequeno bar de Groningen, no coração da Holanda, o livro que deixei numa página do princípio e nunca mais voltei a abrir; o som

límpido de um comboio que fiquei a escutar, deitado junto às giestas verdes do começo da Primavera, o olhar que cruzou o meu em circunstâncias que esqueci ou, ainda, o bosque luminoso que vi proteger a proximidade do mar:

como tudo isso me atravessa a memória neste momento de cansaço. E como tudo parece ocupar igual distância, num cruzamento súbito, intimamente revelado,

como se uma cintilação inesperada se desse no meu espírito. Para quê olhar para trás, para quê sentir? Agora vejo: tudo é sonho, tudo é fantasia.

#### 4. Para Flor Bela, ex-punk

Eu quero ser apenas decadente,  
verso a verso, assim, instante a instante.  
Gostava de aspirar num hausto, de repente,  
o sopro melancólico de algum verso distante.

Ou que o poema fosse apenas superfície,  
um leve estado anímico a simular a alma.  
Preferir sempre ao rigor a mais simples tolice,  
e à agonia de criar, a calma, a calma, a calma.

Nada tenho para dizer, senão da minha estima  
devida aos grandes poetas, que amei na adolescência.  
Gostava de pensar é que depois de mim

nada mais seria escrito (pelo menos com rima),  
que a chave para os sonhos dormisse na ciência  
e que escrever, inútil, chegasse enfim ao fim.

## 5. Fenomenologia da percepção

Às vezes fico a olhar pela janela  
pintada num quadro, em frente à minha cama,  
sonhando com perder-me nos montes desenhados,  
de onde parece vir voz que familiar me chama.

De tudo isto hei-de rir como um perdido,  
do outro lado do quadro, em repouso total,  
a mente envolta já numa feroz ironia —  
ser apenas, eu mesmo, mera imagem banal.

E se acaso, depois, alguém, desprevenido,  
me acusar de estar voltado para o lado de dentro,  
o meu imenso riso, liberto em boa hora,

verá nessas palavras o imenso ressentido,  
e deixará exclamado, como um grito no vento:  
fechados estão vocês. Mas do lado de fora.